



GARGILESSÉ.

PAISAGENS DO CREUSE.

A França tem como a Suíça famosas e encantadoras paisagens. Nas duas estampas que hoje apresentamos, sob o título de *paisagens do Creuse*, terão os leitores a prova d'esta asserção, e n'ellas encontram os sabios e os artistas profundas inspirações para as suas obras e estudos. É uma Suíça em miniatura.

A pequena aldeia de Gargilessé está situada no baixo Berry, na conflúente do Creuse. Massas de rochedos, e as asperesas de um terreno fértil a protegem dos ventos frios; e vinte nascentes que a rega augmentam-lhe a sua natural belleza. Tem um castello, e egreja romana de magnifico estylo.

Seguindo as margens do Creuse, vae dar-se a uma colina escarpada, sobre a qual se eleva a imponente ruina de Chateaubrun, que é o objecto da segunda gravura. Estas ruinas seriam o ideal do silencio se não penetrassem ali os agudos gritos das aves de rapina, e o murmurio das cascatas do Creuse.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

CAPITULO V.

Ainda o xadrez — Mr. Méry — O fakir do rio de Caveri — Deschappelles, Philidor, e Pastrol — Partida monumental de mr de Labourdonnais — Historia do sabio indiano.

O jogo do xadrez mereceu a mr. Méry, distincto romancista francez, umas poucas de paginas eloquentes. Muitos sabios, antigos e modernos, lhe tem consagrado volumes inteiros; porém o illustre autor da *Florida* publicou tão curiosas noticias acerca d'este jogo admiravel, que certamente se pode julgar que de hoje em diante se servirão do seu livro os jogadores para as grandes citações historicas. Pela minha parte, declaro, sem preambulos ou rodeios, que foi nos seus escriptos que bebi os profundos conhecimentos que tenho do xadrez, e d'elles me

ABRIL, 17, 1858

aproveito com a consciencia de que transportando-os para a nossa lingua, faço um serviço á gente illustrada e sizada.

Na Europa, e principalmente em Portugal, não admira que tão poucas sejam as pessoas que sabem mover um peão; porém no Oriente, na India, terra da verdadeira sabedoria, não existe um unico individuo que leve tão longe a sua ignorancia. Os bonzos jogam uns com os outros dentro dos pagodes, e com os próprios deuses, a falta de outros parceiros, pelos quaes avançam ou recuam as peças. Os empregados, as autoridades civis, militares ou judiciaes, teem licença de jogar duas horas por dia nas suas repartições, afim de viverem mais tempo; e de se não aborrecerem do serviço publico; e não é raro ver-se um malfeitor, no acto da sua prisão, propor aos que o prendem, uma partida de xadrez, em que *para* a sua liberdade; e quando ganha o jogo, soltam-no, porque ganhou a sua innocencia. O viajante indiano que vae de Calcutta para Lahore joga em todas as poisadas com os seus conductores de palanquim, traçando sobre a areia as sessenta e quatro casas do taboleiro, e figurando as peças com pedrinhas de diversas côres, apanhadas no Ganges. Andam-se quatrocentas leguas sem se sentir, auxiliado por tão deliciosa distracção

No rio de Caveri ha um fakir que foi, nos seus tempos, o summo sacerdote do xadrez; tem 180 annos, está cachetico, não come, nem bebe, nem morre; porém joga sem cessar de noite e dia, só consigo! Parece que já não pode morrer nem parar de jogar. É o Sisypho indiano. — Todos os grandes jogadores do Indostão o visitam em romaria com a mesma veneração com que os musulmanos visitam o templo do propheta, em Meca; e crêem que se o fakir chegar a morrer, o xadrez ficará d'ahi em diante considerado como um jogo santo, e ninguem poderá encetar uma partida sem fazer as suas abluções.

Deschappelles, Philidor, e Pastrot, foram as glorias do jogo na Europa do seculo XVIII; o nome de Pastrot chegou ás margens do Indo e ás do Ganges, levado pelos ventos da fama e da memoria. Este celebre calculador tinha tão prodigiosa reminiscencia que jogava, sem taboleiro, com as *peças* collocadas sobre uma banca, a partida mais difficil! Por um esforço quasi incrível estampava no cerebro as sessenta e quatro casas do taboleiro; do cerebro gravava-as na mesa, e dirigia por ellas as figuras, de modo que nunca se enganava! Quando esta nova começava a attrahir sobre elle a curiosidade do mundo, e a admiração da Asia, o memorado e memoravel sabio reventou com uma congestão cerebral, provocada pelo fatal problema de Vichnou, citado no capitulo anterior.

Julgou-se que com a morte de Pastrot, tudo se havia perdido. Porém felizmente para a gloria do genero humano, a Providencia deu-lhe um successor digno d'elle. O muito illustre, e nunca assaz louvado, o quasi fabuloso senhor

de Labourdonnais nasceu, cresceu, aprendeu o xadrez, e um bello dia, em que se lembrou que era tempo de mostrar-se, tomou um taboleiro, armou o jogo, mandou abrir as portas e janellas da sua casa, e gritou: « Eu, marechal de Labourdonnais, desafio a Persia, a Arabia e a Ethiopia, a Europa, a India e a China — o mundo — para jogar uma partida de xadrez! » O que pensa o leitor que respondeu o mundo a tão insolente cartel? Imagina que vieram homens de todas as nações onde se conhece o xadrez? Que os reis mandaram pedir satisfações de semelhante atrevimento, que se podia tomar como insulto á sabedoria e á coragem de todos os povos? Imagina que a terra tremeu com o peso dos exercitos de jogadores que acceitaram o repto? Pois enganou-se. Todos se metteram na concha, e não appareceu *viv'alma*. E sabe o leitor que mais? fizeram muito bem, porque Labourdonnais não era para graças; fizeram muito bem em não *piar*, aliás caro lhes custaria.

Labourdonnais era francez, e por consequencia o desafio partiu da França, e humilhou atrocemente a sua vizinha da outra banda do canal. A Inglaterra nunca perdôa uma affronta, mesmo indirecta; vingá-se como, quando, e onde pode, mas vingá-se. Foi por isso que logo tratou, com muito recato e segredo, de mandar ensinar o xadrez á cabeça mais forte do paiz, e quando se considerou, no seu orgulho, habilitada para uma desforra, procurou attrahir a Londres mr. de Labourdonnais. Este, não suspeitando a cilada, atravessou o canal, em companhia de um seu amigo, comprado para o seduzir a fazer a viagem, com o pretexto de ver começar o *tunel*. Tres dias depois da sua chegada a Londres, appareceu na folha official do paiz o seguinte annuncio: « *Constando que acaba de chegar a esta capital mr. de Labourdonnais, o qual desafiou todo o mundo o anno passado, para jogar o xadrez, pede-se-lhe a honra de uma partida, se elle persistir no seu temerario desafio.* » Os corações de todos os francezes residentes na Inglaterra estremeceram de colera e de receio. O embaixador de França dirigiu-se a casa de Labourdonnais, e pediu-lhe, em nome da patria, que, se não confiava em si, rejeitasse o convite, porque a sua derrota seria uma vergonha nacional. Muitos outros compatriotas de distincção procuraram o sabio, e appellaram para a sua prudencia em circumstancias tão melindrosas; houve até quem lembrasse ao embaixador, que seria melhor prender Labourdonnais do que sujeitar o brio da França á sorte do jogo. O principe do xadrez ouviu a todos com a maior attenção e cortesia, e por fim respondeu com o laconismo e simplicidade que caracteriza os grandes homens: *Eu vencerei*. Os circumstantes não poderam conter a sua admiração, e romperam n'um chuveiro de comparações historicas, taes como: « Quando disseram a Fabricio que os guisados arruinavam a saude, elle respondeu comendo um rabano. » — « Observan-

«do-se a Mathusalem que a sua ultima hora tinha chegado, o trescentenario sentou-se na cama para mostrar que ainda estava vivo.» «Um negreiro a quem se ameaçava de o denunciar ás autoridades, respondeu, embarcando á vista d'estas seiscentos pretos,» etc.

O rei da Grã-Bretanha mandou pôr um palacio á disposição dos dois adversarios. Chegado o grande dia encheu-se, logo de madrugada, o vasto amphitheatro onde se devia dar a batalha. O francez entrou acompanhado por um immenso cortejo de compatriotas; pouco depois chegou o inglez, igualmente seguido por um sequito numeroso. Os dois campeões cortejaram-se com respeito, e uma salva de applausos partiu das galerias do salão, saudando-os a ambos. O jogo estava armado n'uma elegante mesa de mosaico no centro da casa. Sentaram-se, tornaram a complimentar-se, e tiraram á sorte qual devia jogar primeiro. O inglez ficou com as figuras pretas, e Labourdonnais com as brancas. A partida que transcrevo para os amadores, começou do seguinte modo:

O peão da dama branca, avança duas casas — o peão opposto outras duas; — o peão do delfim branco, da rainha branca, duas casas — o peão preto mata aquelle; — o peão do rei branco, uma casa — o peão do rei preto, duas casas; — o delfim do rei branco, tres casas para a esquerda, e toma o peão preto — o peão do rei preto toma o peão da dama branca; — o peão do rei branco, toma o peão preto; — o cavalleiro do rei preto, a duas casas adiante do seu delfim — o cavalleiro da rainha branca, a duas casas adiante do seu delfim; — o delfim do rei preto á casa diante do seu rei — o cavalleiro do rei branco, á segunda casa diante da casa do seu delfim; — o rei preto, roca — o delfim da dama branca, á segunda casa diante do seu rei — o peão preto do delfim da dama, uma casa; — o peão preto da torre do rei branco, uma casa — o cavalleiro da dama preta, á casa diante da sua dama; — o delfim do rei branco, recua á terceira casa diante da casa do cavalleiro da sua rainha — o cavalleiro da dama preta, á sua terceira casa diante da sua — o rei branco roca — o cavalleiro do rei preto, á quarta casa diante da sua rainha — o peão da torre da dama branca, duas casas — o peão da torre da dama preta, duas casas — o cavalleiro do rei branco, á quinta casa diante da casa real; á esquerda e não á direita — o delfim da rainha preta, á terceira casa diante da casa real — o delfim do rei branco, recua á casa diante da outra onde estava o delfim da sua rainha — o peão preto do delfim do rei preto, duas casas — a dama branca á casa diante da casa real — o peão preto do delfim do rei, uma casa — o delfim branco da dama, ameaçado por aquelle pião, recua uma casa — a dama preta, na casa real — a torre da dama branca, na casa real — o delfim da dama preta, recua uma casa, e colloca-se diante da torre.

O prodigio aproxima-se, o golpe decisivo está perto. O deus Vichnou encarnou-se pela undécima vez no principe do jogo. Chegado a esta phase da partida, Labourdonnais inclinou sobre o taboleiro a sua cabeça immensa; depois, erguendo-a, correu pela assemblea os olhos meio fechados onde lhe bailavam duas faiscas de genio e de malicia. Os seus amigos disseram: «Alguna coisa grande vaeeffectuar-se!» E comtudo este começo não tinha nada de maravilhoso. Todas as peças estavam de pé. Apenas quatro peões tinham succumbido na peleja.

Labourdonnais collocou a rainha branca na quarta casa diante da casa real: o adversario avançou uma casa o peão preto do cavalleiro do rei: Labourdonnais tomou com o seu delfim da rainha branca o peão preto do delfim do rei preto, o adversario tomou esse delfim branco com o seu cavalleiro, e Labourdonnais, comprimindo uma gargalhada, e agitando os cotovellos sobre a mesa, disse com uma entonação fahosa e indolente: «No fim de nove lances, dou cheque e mate.»

O adversario de Labourdonnais sentiu arripiar-se-lhe o cabello; a Inglaterra teve calafrios na espinha dorsal, e a multidão dos espectadores clamou a uma voz: «E espantoso!»

E era. D'esta parte do jogo em diante, os pretos não vêem senão mates em torno de si. A rainha branca, toma o insolente cavalleiro preto que saltara ao seu lado; e o adversario de Labourdonnais fica estalando de alegria. Ouvindo a ameaça do mate em nove mudanças, e temendo perder-se, armou a Labourdonnais um laço com este cavalleiro preto; se a dama branca matasse aquella peça, a cilada seria bem succedida, e o inimigo triumphava. Com effeito, eram por elle as apparencias como se vaeever agora.

O delfim preto, que se acha diante da sua torre rocada, passa á quarta casa do delfim da rainha branca, de maneira que o adversario de Labourdonnais dá um cheque double, pelo seu delfim á torre branca, e pela sua torre á dama branca. O dilema é atroz; os brancos perdem a dama ou a torre!

A emboscada fez sorrir Labourdonnais. O grande homem deu ao seu rosto uma maligna expressão de bonhomia, e collocou a sua dama branca na terceira casa, diante da casa onde estava a torre do rei preto antes de rocar. — Então o delfim preto avança triumphante e toma a torre branca.

Os amigos do adversario felicitam-se e apertam as mãos. Os amigos do grande chanceller de xadrez abaixam a cabeça. Labourdonnais continua a sorrir-se, e não só não tomou o delfim preto com a sua torre, mas matou com o seu delfim branco o peão preto do cavalleiro do rei, o qual delfim branco é tomado pelo peão preto da torre do inimigo. Á vista d'isto, imaginaram todos que Labourdonnais tinha perdido a partida e a cabeça. Novo sorriso maligno. O Philidor moderno toma esse peão preto, com o seu caval-



CHATEAUBRUN.

leiro — o cavalleiro preto salta para a casa do seu delfim — a dama branca dá cheque ao rei, collocando-se na casa vazia da torre do rei preto — o rei preto, ameaçado, colloca-se diante da sua torre — a dama branca recua uma casa e dá cheque — o rei preto só tem uma casa, e passa para ella — o cavalleiro branco colloca-se a duas casas adiante do rei preto — o delfim preto, esquecido entre o rei e a torre branca, quer sacrificar-se dando cheque á dama branca na terceira casa adiante da casa ordinaria d'esta dama — a torre branca avança cinco casas, e dá cheque ao rei — o rei preto só tem uma casa, para onde se refugia — a dama branca recua uma casa, e dá cheque — o rei preto passa para a quarta casa do seu delfim — o peão branco, immovel desde o começo da acção diante do seu rei, avança duas casas, e dá cheque e mate!

Hourra! por Labourdonnais, clamou a multidão dos seus amigos entusiasmados. A Inglaterra ficou de queixo caído, e o chanceller do xadrez, na sua volta a Paris, foi recebido em triumpho pelo povo, e cumprimentado por numerosas pessoas de distincção. O governo francez, para não aggravar a dolorosa situação do povo inglez humilhado, mandou em segredo prevenir a Labourdonnais de que tinha bem merecido da patria e da sciencia.

Para completar estas curiosas noticias acerca do xadrez, vou mimpear o leitor com a seguinte:

HISTORIA DO SABIO INDIANO.

« Em Tchina-Patnam vivia um indiano chamado Arzeb, muito nomeado pela sua virtude. Elle esquecia-se algumas vezes de contar os grãos do seu *poitah*, mas nunca deixava de socorrer um desgraçado.

« Quanto se viu no leito da morte o indiano teve uma fraqueza; suspirou pela vida que deixava, apesar do convencimento que tinha de que lhe estava reservado um bom logar no jardim Mandana, que é todos os dias visitado por Yndra, o deus do firmamento.

« Arzeb invocou a deusa Sursutéa, segunda esposa de Vichnou, e a deusa appareceu-lhe a cavallo no seu tigre favorito, com um ramo de mangueira na mão.

« Divina esposa do deus azul! exclamou Arzeb, concede uma graça ao mais fervente adorador das dez encarnações!

— Qual é a graça? perguntou ella.

— Prolonga a minha vida por mais dez annos.

— É impossivel, meu filho! Os teus dias estão contados desde que nasceste. Tu deves morrer quando o primeiro raio do sol brilhar sobre o pagode de Williakarmia, e a luz d'alva já illuminou os ceos.

— Concede-me dez dias! supplicou Arzeb, de mãos erguidas.

— Não te posso conceder senão um dia, disse a deusa: e este, por que o universo não será perturbado por causa de tal favor. Concedo-te um dia, porque tu foste sabio e bom. No fim d'este dia lembra-te de vir morrer aqui.»

«E Sursutéa desapareceu.

«Arzeb, que se sentia morrer, ergueu-se lentamente, vestiu-se, fez as suas abluções, e disse: » Eis aqui uma nova existencia que principia para mim; aproveitemol-a e não a prodigalisemos.»

«Um bramane que o encontrou dirigiu-lhe assim a palavra: Arzeb, se tu queres escrever a historia d'Aureng, o glorioso fundador do imperio Mahrata, eu te darei um campo de bethel, um *chatiram* com um bosque de palmeiras, e seis onças de oiro. A vida é curta, respondeu Arzeb; não tenho tempo de escrever historias; e é preciso que eu viva, deixa-me passar.

«Um homem de guerra, que recrutava soldados, lhe disse: Arzeb, o nosso glorioso imperador vae bater-se com um reinho d'Elephanta; queres tomar o arco e a aljava? Que loucura! respondeu Arzeb, ir matar gente que deve morrer! Eu não quero ser o criado da morte.

«Um pae de familia, que tinha nove filhas de muita boa apparencia, e do bronze o mais doirado, disse a Arzeb: Eu dou-te a minha filha mais moça em casamento, e dois elephantes por dote. Eu não tenho tempo de me casar, respondeu Arzeb; é preciso que eu ore ao deus azul. Os teus elephantes atrapalhar-me-hiam bastante: o fardo da minha vida é já assaz pesado, e não tenho necessidade de lhe juntar ainda dois elephantes.

«O pae de familia, irritado por esta recusa, poz o dedo pollegar da mão direita sobre o nariz, e agitou os outros quatro dedos, o que na India é uma affronta sanguinolenta. Arzeb respondeu-lhe: A vida é curta, eu não tenho tempo de me vingar.

«Um homem letrado disse a Arzeb: Meu sabio Arzeb, os bramanes de Tchina-Patnam convidam-te a encerrar-te quinze dias com elles, na sala negra, para procurar a causa dos eclipses e fazer um livro. Arzeb respondeu: Que os eclipses tenham as causas que quizerem, isso importa-me pouco; eu não quero clausurar-me. Depois que eu morrer terei tempo de sobejo para me encerrar entre quatro muralhas. Deixa-me respirar o ar da montanha, e ver o ceo indigo do Indra celeste. Porém, replicou o bramane, tu serás toda a vida ignorante.

— Resta-me pouco tempo, tornou Arzeb, eu morro amanhã; tu e os outros, depois de amanhã.

«Arzeb ficou desconsolado por ter perdido um quarto de hora com esta conversação. Como o tempo é precioso! dizia consigo. Cada instante é como uma perola sem preço caindo da mão ao fundo do rio Triplicam, e eu tenho já bem poucas perolas para despender.

«E caminhou precipitadamente pela planicie de Tchoultry, que se estende desde a ponte dos

Armenios, no arrabalde de Tchina-Patnam, até aos templos subterraneos d'Elora. Arzeb corria como um homem dominado por uma idéa de negocios ou de prazeres, porém elle não tinha fito; buscava um meio de despender as perolas da sua curta vida, e não sabia a quem as dar.

«Sentou-se para meditar entre duas moitas de tulipeiras amarellas, e logo se arrependeu do tempo que tinha dado á meditação: Grande Siva! exclamou elle, batendo na fronte sobre a listra branca que distingue os sectarios d'este deus; grande Siva, que na tua encarnação em anão conheceste a humanidade, dá-me uma inspiração que seja boa para emprego do meu tempo!

«Arzeb levantou-se, e viu do outro lado do rio, um delicioso *chatiram* com columnatas de sandalo e retenindo com as vozes de sete bramansas que cantavam o combate de Ravana e de Rama, com acompanhamento de *bin*. As cantoras chamaram Arzeb pelo seu nome, fazendo-lhe signal de que atravessasse o rio. Arzeb disse consigo: Perderei muito tempo em passar o rio, e depois serei obrigado a acabar a minha vida com sete bramansas que promettem muito, e não dão nada, nem mesmo quando dão, como todas mulheres de Tchina-Patnam. E Arzeb abandonou as bramansas. Depois encontrou um Jémidar que lhe disse: Arzeb, se tens fome e sede, vem á minha cabana, além, na frente da cascata d'Elora, e eu te darei um prato de *piomérops* e de *troupiales* vermelhas com presunto d'urso de Labiata, e beberás *wampi* delicioso.

— Tomas-me por algum louco? respondeu Arzeb. Cuidas que posso perder o meu tempo a carregar a cabeça e o estomago? Eis ali um pobre *beraidje*, que passa, e que tem fome; dá-lhe de comer e beber em meu logar, e recebe esta onça de oiro.

«Duas bayaderas e um cantor ambulante, um *saradacaren* com seu comprido bandolim, vendo a generosidade d'Arzeb se aproximaram d'elle e lhe pediram uma onça d'oiro, offerecendo-se-lhe para dançar e tantar o celebre idyllio *Guita-Govinda*, sobre os amores de Krishná, o Apollo indio, e de Radhá.

«Arzeb deu a onça d'oiro, e disse ás bayaderas, que os amores de Krishná tinham fecundado a India, mas que eram muito longos para serem ouvidos por um ignorante.

«Comtudo Arzeb notou que regeitando todas as coisas que lhe offereciam perdia muito mais do que acceitando algum prazer; mas, n'esta perspectiva de morte proxima, que lhe dominava todos os outros pensamentos, não sentia em seu coração nenhuma inclinação.

«Arzeb, na segunda hora da sua segunda vida, aborrecia-se mortalmente. Brama! disse elle n'um prolongado bocejo, ó Brama! como a vida é extensa e pesada! Já me não admira de que tu te encarnasses dez vezes para matar o tempo!

«No fim desta exclamação chegou de frente do templo *Ten-Tauli*, que é mencionado como

maravilha entre as maravilhas d'Elora. O indiano sentou-se sobre o rabo de um macaco de pedra à sombra do boi Nandy, talhado por inteiro n'uma pedreira de granito, e comeu indolentemente, e sem appetite, algumas nozes de betel. Os seus olhares, obliquamente lançados para o ceo, lhe revelaram uma coisa penivel: Arzeb tinha que passar ainda vinte horas sobre a terra, antes de ser ferido na fronte pelo negro Yama, Deus dos funeraes.

Então, adoptando o recurso d'aquelles que o rastro mata, estendeu-se horisontalmente sobre a areia e adormeceu.

Arzeb teve um sonho magnifico. Julgou ver, ou para melhor dizer viu Roudra, o deus da morte, que lhe abria a porta azul do formoso palacio chamado Kailaça, do qual os porticos de pedrarias conduzem ao jardim Mandana todo povoado de bayaderas. Siva o mais poderoso dos deuses, lhe dizia: Arzeb, tu foste justo, e eu vou recompensarte. Nomeio-te rei dos Maldivas, que são doze mil na estrada do golfo Arabico; em todas ellas há grutas de perolas e coral, e em cada gruta vive uma rainha bella, como Latchmi, a deusa do prazer. Essas doze mil rainhas serão tuas esposas, e terás um harem flutuante mais bello que o do grande Sevadjy, fundador do imperio Mahratte. Arzeb, no seu sonho, desceu do firmamento por uma escada de ouro e azul, e quando chegou abaixo da região das nuvens descobriu o seu reino, que se assemelhava a doze mil conchas marinhas fluctuando sobre penachos de palmeiras. Chegando ás Maldivas, parecia-lhe que o oceano lhe cantava uma symphonia celeste, devidindo-se doze mil vezes em pequenos arraiaes de alegre e vivissimo azul, que retalhavam as ilhas. Com essa agilidade de movimento que dão os sonhos, Arzeb saltava d'uma para a outra insula, e a cada salto via luzir entre as folhas das palmeiras dois olhos negros, sob aneis ondiantes de cabellos d'ebano, e sobre as faces suaves e douradas como as da bella Radhâ. Os sonhos, entre outros segredos misteriosos que lhe pertencera, nos fazem perder o sentimento das horas, do tempo e do espaço; por isso, quando Arzeb despertou tinha em suas recordações muitos annos de ventura, decorridos no meio d'estas doze mil rainhas do golfo Arabico, sobre camadas de perolas, d'ambar e de coral.

Porem não tardou muito que lhe não tornasse o sentimento da sua realidade miseravel, achando-se à sombra do boi Nandy, em frente do templo d'Elora. Pelos seus calculos astronomicos achou que tinha dormido doze horas, e se não fora uma maldita cobra que o mordeu n'um calcanhar teria prolongado por mais alguns annos a sua felicidade fantastica das ilhas Maldivas. Ainda tenho doze horas de vida! murmurou Arzeb suspirando, e agora, juro por Poudha-Coura que me acho assaz atrapalhado com a minha existencia. Tenho doze seculos diante de mim, e se eu não fora um bom e ar-

dente sectario de Siva iria precipitar-me do alto d'esta *viranda* sobre os rochedos, para me alliviar do fardo d'estas doze horas que me matam com o seu pezo. Se ao menos eu pudesse outra vez adormecer até ao fim dos meus dias, que será dentro em doze horas, tornaria a ver o meu bello reino perdido, o meu harem de rainhas, e o colorido fresco e suave da minha mocidade no espelho do golpho; mas, desgraçadamente! quando a necessidade natural do somno volver ás minhas palpebras, eu estarei morto. Oh! só agora comprehendo o misterio da vida! Nos não temos senão prazeres d'um instante, que podem ser contestados, e aborrecimentos, ou pesares incontestaveis. A methor parte da vida e aquella que se passa dormindo! Se o Deus azul, se o Indra celeste me concedesse terecira vida eu não a accitava senão com a condição de dormir sempre.

«Ao cabar este monologo, pronunciado cuidadosamente silaba por silaba, com uma lentição affectada, para gastar alguns minutos das eternas doze horas de saldo da sua existencia, viu Arzeb ao bonzo do grande pagode de Nagpour. O bonzo apeava-se de um elephante para se ajoelhar diante do templo de Des-Avanstara, ou das dez encarnações.

«O bonzo chamava-se Dhealy, e tinha deixado a opulenta capital de Bherâr, acompanhado do seu sequito de Jemidares de ambos os sexos, para visitar a peninsula de Bengala, e vencer os mais afamados jogadores de xadrez do Indostão.

«Arzeb prostou-se diante do bonzo Dhealy e disse-lhe: Raio da setima cabeça de Siva, tu que assistes aos conselhos d'Indra, e que desarmaste com uma palavra a colera da serpente Ananda, a serpente eterna, ensina-me o segredo de passar dez horas sem ser devorado pelo aborrecimento.

— Pedes-me a esmola de uma distração? perguntou o bonzo.

— Peço-ta de joelhos, estrella de Nagpour.

— Shegmadid, o glorioso architecto dos templos d'Elora, que foi collocado na ordem dos deuses, e que percorre o firmamento azul no carro de Souriah, aconselhou sempre aos bonzos que dessem esmola aos desgraçados. Eu vou dar-te dez horas de voluptuosidade, capazes de causar inveja à casta Sita, dignando-me jogar contigo algumas partidas de xadrez.

«Arzeb espantou enormemente os olhos como homem que mais temia o remedio do que o mal, e balbuciou algumas palavras ininteligiveis que o bonzo interpretou no sentido do mais profundo agradecimento — d'aquelle que não acha expressões para se formular.

«Arzeb era talvez o unico indiano d'este seculo lettrado que não conhecia o xadrez; e com o seu sonho de Maldivas esquecera-se de que a deusa Sursutea, concedendo-lhe um dia de vida suplementar, lhe tinha implicitamente dado uma sciencia universal, que elle podia applicar a

tudo. Foi somente diante do taboleiro que Arzeb sentiu nascer em si a intelligencia de um jogador de xadrez, e a revelação espontanea das mais altas combinações.

«Um jemidar tinha tirado o taboleiro do bonzo de um estojo de xarão, suspenso ao pescoço do elephante como uma condecoração de honra.

«Era um xadrez maravilhoso! O melhor artista chinês do Púnjab, tinha, segundo é fama, consumido sete annos a fazer aquelle monumento de marfim, de nacar, de perolas e de ebano. O rei branco era a imagem viva do monarcha então reinante em Lahore e que se achamava Goala-Sing, o lião pastor, emblematica designação que alludia a coragem e a bondade personificadas n'um só homem. No rei preto reconheciam todos os filhos do celeste imperio o seu imperador venerado, o maguanimo Fo-Hi, esse monarcha agricultor que inventou dois arbustos e tres flores por um processo maravilhoso de enxerto e cohabitação. Os dezeseis piões de marfim e d'ebano eram cinselados com um gosto admiravel; os seus olhinhos luziam como carbunculos e cada pião, tinha um pé a frente e ajustava uma frecha de madreperola n'um arco de tilagrana de oiro.

«O bonzo Dhealy tinha ganho este xadrez, n'um desafio, ao neto do grande Kosroà, e tinha d'isso tanto orgulho como o templo de Nagpour tem orgulho pela sua porta de bronze, chefe de obra do esculptor El-Manoussi.

«Os dois jogadores tinham-se sentado sobre a areia, diante do baixo-relevo que representa Yriarte, o elephante querido d'Yndra.

«Apenas as primeiras peças foram movidas logo o bonzo conheceu que tinha a combater o mais terrivel jogador da Asia; mas nem por isso desesperou de vencel-o, propondo-lhe interesse no jogo. Geralmente, com effeito, os jogadores que compromettem alguma coisa da sua fortuna commettem a miúdo faltas grosseiras, e perdem por timidez.

— Eu paro toda a minha fortuna, disse Arzeb sorrindo.

— É muito? ou é pouco? interrogou o bonzo.

— Um arrozal, uma habitação sobre o Tipli-cam, uma casa em Tchina-Patnam, e um Kattaramaram que faz as viagens de Taragambour, a cidade das ondas do mar, a rainha do Coromandel. Aqui estão, n'esta caixa de sandalo, os meus titulos de propriedade; todos se acham revestidos com o sello do nosso grão preboste.

— Toma cuidado! observou o bonzo: não reservas nada para ti? Lembra-te que se perderes te'hasde ver obrigado a jungir os bois no *tan-igel* para poderes viver; lembra-te que ficarás mais pobre do que um beraidje, ou um pilador de arroz.

— Sol de Nagpour, tornou Arzeb sorrindo, eu pensei em tudo.

— Pois bem! a minha entrada contra a tua fortuna é bem mais preciosa para ti. Escuta: o architecto dos templos d'Elora foi mordido por

uma serpente n'este mesmo lugar: o mais illustre dos meus antepassados fazia o serviço do templo Williakarma: foi elle quem acudiu aos gritos do architecto, e pisando sobre uma pedra sete folhas de tody, a arvore do bem, applicou-as sobre a ferida mortal e curou-a. Quando o architecto se converteu em Deus, appareceu ao meu antepassado e disse-lhe: Eu recebi de Siva o poder de conceder a ti e aos teus descendentes a graça que elles me pedirem uma vez em sua vida, para si ou para os outros, ainda que essa graça seja transportar para o meio da planície de Tcholtry a cascata visinha, formada de uma lagrima da casta Siva. — Pela minha parte ainda não pedi nada ao glorioso architecto; sou avaro do favor que elle me reserva, porem peño-o, como entrada, sobre este taboleiro.

— Acceto, disse Arzeb, continuemos.

«A estas palayras o elephante Yriarte agitou a sua cabeça enorme, sacudiu as orelhas, e balçoçou magestosamente a tromba de granito sobre a cabeça do bonzo; depois retomou a sua posição monumental e a sua eterna immobildade.

— Bem o vez, disse o bonzo; o architecto agitou um instante a sua obra para justificar as minhas asserções.

— Continuemos a partida, tornou Arzeb inclinando-se; raio de Bherâr, eu acceto a tua parada.

«Os criados haviam-se arredado cheios de respeito. Por consequencia nenhum olhar humano pode ver este combate sem igual, que só teve por testemunhas os deuses da India. Arzeb, por graça de Sursutea, iniciara-se repentinamente nos misterios do jogo. A sua cabeça, aquecida pelo sol do oriente, abrasava-se ainda mais com o fogo das combinações victoriosas que rebentando do cerebro lhe derramavam a alegria no coração. A medida que elle ia avançando as peças de marfim parecia-lhe que o taboleiro tomava dimensões colossaes, e que um sopro infernal ou divino animava todas essas figuras, dando-lhes a estatura e as paixões dos seres humanos que ellas representam. N'este delirio d'uma paixão ardente Arzeb julgou assistir a essa batalha de Rama e de Ravana, immortalizada n'um poema que parece ter sido escripto pelo sol, com letras de perolas, entre a ilha de Ceilão e o cabo Coromandel, esplendido theatro da guerra dos monstros do Indostão! O jogador do xadrez viu-se crescer a seus proprios olhos até a altura d'Aureng-Zeb; lutava por um imperio; com a estremidade do dedo impelia um exercito de gigantes; sentia aluir-se a terra pelo choque de uma peleja immensa; e cuidava ouvir em torno de si os applausos de todos os deuses de marmore, esculpidos nos baixos-relevos dos dez templos de Elora.

«O bonzo, habituado a vencer todos os seus antagonistas, e que tinha dado *mate* ao seu illustre collega do pagode de Djagreat, tremia de colera e d'espanto a cada uma das suas derro-

tas; por vezes, tomado de um santo respeito, imaginava que o seu maravilhoso adversario era Vichnou em pessoa, transformado em jogador de xadrez na sua undecima encarnação. Esta idéa lisongeava o seu amor proprio, e impedia o bonzo de ceder ao desespero e de quebrar a cabeça na anca do elephante de granito.

«O sol mergulhava-se já no golpho de Bengala, e a vida de Arzeb ia extinguir-se com o sol no momento em que o *cheque-mate* lhe assegurava a victoria.

«O bonzo fez oração a Siva, e o architecto-Deus appareceu descendo n'uma aureola de azul e oiro.

«Bonzo Dhealy, disse o architecto, que favor pedes tu ao Deus azul?

«O bonzo interrogou o seu vencedor Arzeb, que lhe disse: pede para mim o favor de viver mais cincoenta annos n'esta terra de delicias.

— Concedido; respondeu o architecto-Deus, que voltou para o ceo afim de tomar o seu logar junto ás palmeiras do jardim Mandana.

«Arzeb sentiu no mesmo instante que a vida tornava a entrar no seu corpo, e que um novo sangue circulava em suas veias; por isso beijou os pés do bonzo Dhealy, e dirigiu uma oração de agradecimento ao architecto e a Siva.

— Tamanho amor tens á vida! lhe disse o bonzo; desejava saber o que farás do teu meio seculo?

— Dormirei para viver em sonhos, e acordarei para jogar o xadrez, respondeu Arzeb.

— Tens razão lhe tornou a bonzo, eu tambem acredito que a vida só se fez para isso. O homem aborrecido não precisa senão de duas coisas: uma cama, e um jogo de xadrez.»

Se não fosse preciso comer nos intervalos, o meu voto não deixaria de reforçar os dos sabios indianos.

GOMES DE AMORIM.

CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

O *Newton's London Journal* publica a noticia de um processo, descoberto por mr. Henrique Kemp, para obter a conservação das madeiras. Consiste em impregnal-as de uma dissolução de sulphureto de bario, resultante da redução de sulphato de barita por meio do carvão, e passal-as depois por um banho do sulphato de cobre, de modo que as fibras vegetaes fiquem repassadas de sulphureto metalico.

Os meios empregados por mr. Kemp para fazer penetrar os liquidos na madeira são os de pressão ordinaria.

Outro jornal, o *Civil Engineer and Architects Journal* expõe novo processo de mr. Pascal Legros, recommendado pela barateza relativa, consistindo na applicação ás madeiras de uma sub-

stancia chimica de preço pouco elevado e incapaz de offender as fibras da peça, que se deseja preservar, não a alterando de nenhuma forma.

N'este sentido recorreu ao chlorureto de magnesio, que se tira das fabricas de hipoclorito de cal, de agua de Javelle, e de outros productos. Este corpo até agora não tinha sido aproveitado para usos importantes, e os industriaes muitas vezes o despresavam, reputando-o residuo inutil.

Como este sal sempre contém um excesso de acido, neutralisa-se juntando-lhe carbonato de cal; a saturação tambem se pode fazer com o oxydo de zinco. O sal dobrado de magnesio e zinco, assim obtido, offerece propriedades preservativas equivalentes, se não forem superiores, ás do magnesio e á cal, e emprega-se com toda a vantagem para absorver os miasmas das materias animaes em putrefacção.

Para conservar as madeiras deita-se a dissolução preparada por qualquer dos dois methodos em uma tina, e introduzem-se as peças verticalmente, de modo que fiquem submergidas até a quarta parte da altura. Deixam-se depois estar por um espaço, que varia de doze a treze horas.

A dissolução opera elevando-se atravez das fibras da madeira, e só as penetra pela acção da capillaridade, não se carecendo de empregar nenhuma força mechanica. Se a immersão fosse horisontal, dadas as mesmas circunstancias, teriamos um resultado menos feliz.

Tratada por este processo, a madeira torna-se incombustivel, e as mudanças de temperatura não a affectam, sendo preferivel este meio e mais proveitoso do que o dos sulphatos metalicos, porque sempre alteram as fibras e lhe fazem contrahir tendencias para empenar, ou estalar. Em certos casos é util combinar os effeitos do creosote com os de uma ou outra das dissoluções indicadas. Para isso basta dissolver no acido sulphurico uma quantidade variavel de azeite de resina, ou de pez, bater em agua a dissolução, e mistural-a em proporções convenientes com a dissolução de chlorureto de magnesio. Só a experiencia pode ensinar a graduar as quantidades de azeite que se hão de juntar, e que variam segundo a qualidade das madeiras.

Publicaram-se os Canticos de José da Silva Mendes Léal Junior. É um livro de poesias selectas, contendo mais de 400 paginas, em 8.^o francez. Vende-se por 720 réis no armazem de livros do editor, A. J. F. Lopes, rua do Ouro n.^o 227 e 228 (antiga numeração); no Porto, em casa de Cruz Coutinho; e no Brazil em casa dos correspondentes do Panorama, bem como todas as obras de que o mesmo é editor.

Publicou-se o 3.^o volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.